



Todos os instrumentos e tecnologia do mundo civilizado são olhados com profunda curiosidade, e não poucas vezes com temor e respeito

# MISSÕES RELIGIOSAS

A descoberta da América colocou o europeu diante de um tipo de humanidade — os índios — até então desconhecida. E eram muitas as perguntas: são homens mesmo? Se o são, devem permanecer livres, não podendo ser escravizados? São donos legítimos das terras ocupadas? Mas como, se não estão organizados em Estados? Nus, sem classes sociais, competição, propriedade privada, doenças contagiosas — nem carne tinham — tudo levava a crer que essas populações viviam, pelo menos aparentemente em condições idílicas.

Num clima tropical, cheio de verde e flores num mês que, na Europa, não seria certamente nem de verde nem de flores, os descobridores se perguntavam: isto não será o Éden? O Paraíso Perdido? Eles possuem alma? O sacrifício de Cristo os teria livrado do Pecado Original? Seriam inocentes? A Igreja, desde o primeiro momento, se encantou e mobilizou diante dessa questão. Tiveram início, assim, as primeiras missões religiosas nas Américas, que continuam até hoje.

As recentes divergências entre membros da Igreja e o Estado, envolvendo o Ministro do Interior, Sr Rangel Reis, e o presidente da Funai, General Ismarth de Araújo, são apenas um capítulo a mais na história muito antiga, que se repete há mais de quatro séculos, das missões religiosas, em sua atuação junto a culturas primitivas nas Américas.

O Bispo D. Tomás de Aquino, presidente do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), órgão da Igreja Católica que trata da ação missionária junto às tribos brasileiras, declara: "A palavra final sobre o destino do índio é dada por ele próprio. Não se compreende a tutela do índio pelo Estado, a não ser como uma assistência temporária, que deve seguir sua emancipação".

A dissolução pela Funai de uma assembleia de 14 chefes indígenas, organizada pelos padres do Cimi, em Roraima, provocou mais um atrito, e novas acusações mútuas surgiram. Por que Igreja e o Estado vêm divergindo até hoje? O Bispo de Teófilo Otoni, Dom Quirino Adolfo Schmitt, explica: "A ingerência da Funai pode ser um ato de extremo absurdo, porque a intemporalidade da Igreja não lhe permite fazer concessões ou solicitações para pregar o Evangelho mediante ordens expressas de órgãos governamentais. É porque somos a voz dos silenciosos que sobrevivemos, é por pregar-mos a verdade que existimos".

## O DESAFIO SECULAR DE SALVAR CORPOS E ALMAS PARA MAIOR GLÓRIA DE DEUS

Edilson Martins

A bula Romanus Pontifex, de 8/1/1454, do Papa Nicolau V, fixou as bases do envolvimento da Igreja por ocasião da expansão colonial portuguesa na África. "Não sem grande alegria chegou ao nosso conhecimento que o nosso dileto filho o Infante D. Henrique, incendiado no ardor da fé e do zelo da salvação das almas, se esforça, como verdadeiro soldado de Cristo, por fazer conhecer e venerar em todo o orbe, até os mais remotos lugares, o nome e gloriosíssimo de Deus...". É já no final do documento papal consta: "Por isso nós, tudo pensando com devida ponderação, por outras cartas nossas concedemos ao dito Rei Afonso a plena e livre faculdade, entre outras, de invadir, conquistar, subjugar quaisquer sarracenos e pagãos, inimigos de Cristo, suas terras e bens, a todos reduzir à servidão e tudo aplicar em utilidade própria e dos seus descendentes...".

Na verdade, este é um dos mais expressivos documentos da história da expansão colonial europeia. Não só conferia atributos de missão apostólica à conquista colonial, mas a ela se associava e subordinava, através do Instituto do Padroado Real. Bispos e Padres passaram a ser subvencionados, nomeados e dirigidos pelo Poder Real, segundo as normas seguidas pela Espanha e Portugal em suas colônias.

O Cardeal-Arcebispo de Porto Alegre, D. Vicente Scherer, em seu programa A Voz do Pastor, na primeira semana de janeiro deste ano, registrava: "É de dor, lágrimas e revoltantes injustiças sofridas, em grande parte, a longa e acidentada história dos índios, em nosso país". Reconheceu também que nem tudo foi perfeito na obra

das missões religiosas jesuítas, recordando: "A época do Descobrimento, não se havia chegado à plena noção da dignidade inalienável e inamissível da criação humana e à nitida percepção da intangibilidade da pessoa humana".

L. B. Horta Barbosa, diretor do extinto SPI na segunda década deste século, narra o episódio ocorrido com os índios do vale do rio Urubu, segundo depoimento do Frei Bernardino de Sousa, no ano de 1664. Os índios foram atacados por Pedro da Costa Ravela, e nessa incursão de civilização, num único ato, 700 silvícolas foram assassinados, 400 feitos prisioneiros e mais 400 malocas incendiadas. Isso tudo como retaliação porque os índios mataram algumas pessoas da missão de Frei Raimundo, da Ordem das Mercês, que era como de costume escoltada por força militar.

No livro Vale do Rio Branco, o General Jacques Quiques narra o caso da atual Praia da Desgraça, antes conhecida como Praia do Sangue, no Rio Branco, nome que por si só exprime a tragédia ali ocorrida, em 1798, com os índios Macuxi, Paraviana, Uapixana e Guaiaca. Nessa data, a mando do Tenente Leonardo José Ferreira, foram trucidados na praia todos os homens daquelas tribos, como represália pelo assassinato de soldados e alguns moradores da região.

Segundo a Funai, existem 50 missões religiosas — católicas e evangélicas — atuando nas 10 delegacias regionais do órgão. Há ainda as missões que atuam nas áreas de fronteiras. Tanto as primeiras como as segundas são numerosas em seus segmentos. Há metodistas, luteranos, protestantes, salesianos, jesuítas. São ante-

riores não só à Funai como ao extinto SPI. Em 1840, D. Pedro II criava as Diretorias de Índios, recorrendo à ajuda dos missionários católicos. Mas, desde o início da colonização, os nomes de jesuítas como Nóbrega, Anchieta e Vieira se confundem com a catequese, muitas vezes na tentativa de reduzir a violência do confronto entre os chamados civilizados e os índios.

Erram os índios pagãos, rebeldes, hereges, inimigos? A Igreja, desde o primeiro momento, se encantou com esse desafio. Ela vinha, aliás, da grande vitória contra a heresia "herética", a expulsão dos muçulmanos da Península Ibérica, depois de séculos de ocupação. Vale registrar que a descoberta da América ocorreu na última década da ocupação muçulmana no Ocidente.

A Europa se dividiu, conforme acentua o professor Darci Ribeiro, um de nossos antropólogos mais expressivos. Os colonos queriam escravizar o índio como mão-de-obra gratuita, e os missionários buscavam convertê-los, como forma de ganhá-los para o reino de Deus. Mas os missionários eram europeus, e como tal traziam doenças, que os povos americanos desconheciam.

Os povos americanos aqui existentes não conheciam tuberculose, gripe, sarampo, beriberi, bexiga, lepra, doenças venéreas — enfim, nenhum agente contagioso. Essa constatação deve ter conturbado a cabeça dos europeus. Estavam diante, não havia dúvidas, de uma terra idílica, incrustada no Novo Mundo.

Mas o europeu chegou, com o espectro das doenças contagiosas. Uma avalanche de pestes tomou conta do Novo Mundo, até então um Éden. E a conquista das Américas se fez com as pragas europeias. Foi com essas enfermidades, muito mais que com as armas, que a nova terra foi submetida. Trouxeram as doenças da Europa, Ásia e África, contaminando os povos americanos; até então inocentíssimos. Nem o rato daqui era agente de qualquer doença.

A varíola, o sarampo, a coqueluche iniciaram então a grande escalada de destruição. Na metade do século XVI os jesuítas, ajudados por Mem de Sá, concentraram na Bahia numerosas tribos. Uma epidemia de bexiga matou nessa ocasião mais de 90% dessas populações. Em nenhum momento se percebeu que os jesuítas, como europeus, se vissem como responsáveis. Essa insensibilidade não se manifestava apenas entre as missões católicas. Veja-se, por exemplo, o que

diz o calvinista Villegagnon, em 1557, a propósito de sua colônia na Guanabara:

"Eu te agradeço ainda, ó Deus de suprema bondade, porque, conduzindo-me a este país de ignorantes de teu nome, lhes inculcaste terror a ponto de, à simples menção de nosso nome, tremereis de medo. Tu os obrigaste a alimentá-los com o seu trabalho e para refrear a sua bestial impetuosidade os afligiste com cruéis moléstias, preservando-nos delas entretanto".

Calcula-se que, quando aqui chegaram os primeiros europeus, principalmente portugueses, havia no Brasil um mínimo de 3 milhões e meio de índios. Hoje, decorridos menos de cinco séculos, eles não somam 120 mil, embora algumas autoridades insistam em falar em mais de 200 mil silvícolas.

Num dos primeiros depoimentos em língua estrangeira sobre o Brasil — a Nova Gazeta da Terra do Brasil, editada em alemão no ano de 1515 — há um trecho sobre os índios atraídos e vendidos como escravos pelos navegantes portugueses: "O navio está, sob a cobertura, carregado de pau-brasil, e na cobertura está cheio de rapazes e raparigas, comprados. Pouco custaram aos portugueses, pois na maior parte foram dados por livre vontade, porque o povo de lá pensa que seus filhos vão para a terra prometida". (Anais

da Biblioteca Nacional, vol. 33, Rio, 1914).

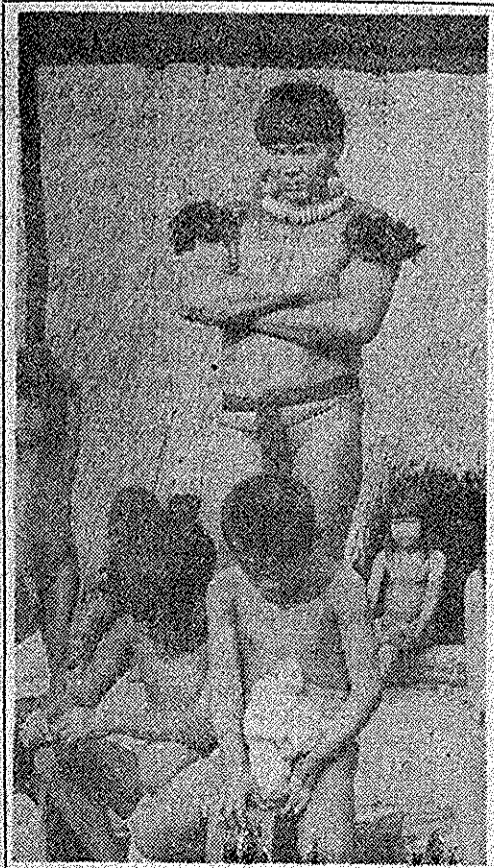
Terra prometida ali é a tradução quase literal de Iyvmamaraey, a Terra-Sem-Males da mitologia Tupinambá e Guarani. Os índios situavam esse lugar mítico à beira do mar, ou além do oceano, e são conhecidas, em sua história cultural, repetidas migrações em busca desse paraíso perdido. Recentemente, foi reeditado o excelente trabalho de Darci Ribeiro, Uirá Sai à Procura de Deus, já transformado em filme, abordando as desventuras e desencantos de um índio tupi, do Maranhão, à procura da Terra-Sem-Males. Houve, portanto, manipulação oportunista e criminosa das crenças indígenas, pelos europeus.

Admitindo a existência de 120 mil índios hoje, no Brasil, estimativa ainda otimista, 80% desse total estão entregues ao trabalho das missões religiosas. Daí a dificuldade de a Funai, hoje como antes, prescindir da colaboração das missões religiosas. Além da ruptura abrupta que causaria o afastamento dos religiosos dessas nações, já que bem ou mal os índios convivem com eles há dezenas de anos, alguns há mais de um século, a Fundação não dispõe, no momento, de quadros reais para essa tarefa de imediato.

Hoje as missões religiosas católicas, por inspiração do Cimi, deixaram de lado a tarefa imediata de "salvar almas", o que sempre resultou em profundas agressões à cultura tribal. Eliminaram-se os internatos, e já começa a haver um estímulo de retorno à vida natural, aos costumes tribais perdidos. Evidentemente, a autoridade do Cimi é mínima, já que se trata de um órgão católico, e portanto sem jurisdição sobre as missões evangélicas, e depois porque já agora não pode nem mesmo ingressar nas reservas indígenas, segundo decisões do Ministro Rangel Reis, do Interior.

Um modelo de atuação missionária altamente meritória é a realizada, entre os índios Tapirapé, pelas freiras católicas da Irmandade Padre Michel Foucault. É o trabalho mais importante, neste sentido, que se realiza no Brasil desde 1950, comparável à obra dos irmãos Vilas Boas no Xingu. Essas irmãs, irmãs de Foucault na da Império ao índio, muito pelo contrário, estimulam e prestam todos os seus ritos e costumes. Pediram licença para viver do ponto-de-vista do índio. É sem favor algum o trabalho mais sério, no que diz respeito ao seu universo junto a culturas primitivas, que se conhece neste país. Sério, meritório e anônimo. Ninguém fala da atuação das irmãs do Padre Foucault.

O sertanista. Apoia a Metreles, que continua a obra de seu pai Chico Metreles, defensor intransigente de nações indígenas enquanto viveu, afirma que as missões religiosas, principalmente católicas, hoje assumem um papel mais próximo do ponto-de-vista do índio. "Agora, quanto às missões evangélicas protestantes, a situação é mais desastrosa. Basta visitar os índios ainda existentes no vale do rio Negro. Onde existem essas missões os índios se tornam inteiramente desagregados, moralistas, submetidos a uma moral rígida, própria de minorias religiosas".



Nus, livres, e sem noção de pecado, os povos americanos foram tomados pelos europeus como os habitantes do Éden.

conta, e ainda passaram delas com a gente que depois se forneceram, das quais se agora as três igrejas que há tiveram 3 mil 500 almas será muito... Veja-se o que isto podia somar, se chegam ou passam de 30 mil almas... E se perguntarem agora por tanta gente, dirão que morreu..."

Anchieta fala, melancolicamente, em gente que se gastava. É a expressão textual, exata. Num ensaio sobre a reação tribal à conquista, Florestan Fernandes considera que a avaliação geralmente favorável da obra jesuítica decorre do fato de ter sido ela investigada através da ótica do colonizador.

Invertendo a perspectiva, entretanto, e examinando as coisas, tendo em vista o que se passou no meio das sociedades aborígenes, verifica-se que a influência dos jesuítas teve um teor destrutivo comparável ao das atividades dos colonos e da Coroa, apesar de sua forma branda e dos elevados motivos espirituais que a inspiravam.

Em sua obra A Civilização Indígena dos Uaupés, o salesiano Alcionillo Bruzzi afirma, em tom professoral: "É difícil responder se o índio tem realmente pudor". Trata-se de uma dúvida tula, pronunciada em tom solene.

Embora sem nunca terem alcançado os níveis de expansão ou a importância econômica e política dos jesuítas, os salesianos de hoje, como a mais tradicional e difundida ordem religiosa entre os índios, continuam a orientar-se pelos mesmos valores, interesses e métodos que caracterizavam seus irmãos de doutrina, na Amazônia do século XVIII. Por outro lado, os salesianos contam no hoje com um considerável patrimônio territorial.

Em maio do ano passado, índios Carajás e o chefe do posto Indígena Fontoura, na ilha do Bananal, confirmaram denúncias de que a comunidade estava sendo espoliada pela missão adventista dirigida pelo Pastor Caleb Pinho. Também em setembro do ano passado a missão americana Novas Tribos do Brasil sobre as quais existem muitas denúncias, era acusada de cumplicidade no massacre ocorrido na região de Atalaia do Norte, no Amazonas. Em outro lado, o pesquisador Paulo Lucena responsabilizou o pastor Geraldo Kennel por haver instigado os índios marubos a massacrarem o seringueiro José Rosendo, nas margens do rio Itui. Ainda durante o ano passado a Missão Novas Tribos do Brasil foi também acusada de instigar os marubos a assassinarem o sertanista Victor Bataglia, da Funai.